

## O CARNAVAL COMO ESTRATÉGIA FICCIONAL EM *O AMANUENSE* BELMIRO

Professor Dr.: Idemburgo Frazão<sup>1</sup>

A prática da música pelos grupos sociais mais diversos envolve múltiplos e complexos índices de identidade e de conflito, o que pode fazê-la amada, repelida, endeusada ou proibida. Sendo sempre comprometida, é uma terra-de-ninguém-ideológica. (José Miguel Wisnik)

**Resumo:** Este artigo reflete acerca da presença da temática do carnaval e, por extensão, da música no romance de Ciro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, discutindo sobre a maneira como o narrador protagonista burla a expectativa de inversão inerente ao carnaval. Os elementos constitutivos desse importante folguedo da cultura popular são utilizados pelo narrador-personagem como estratégia para ratificar suas próprias convicções acerca da complexa relação do conhecimento com a vida cotidiana.

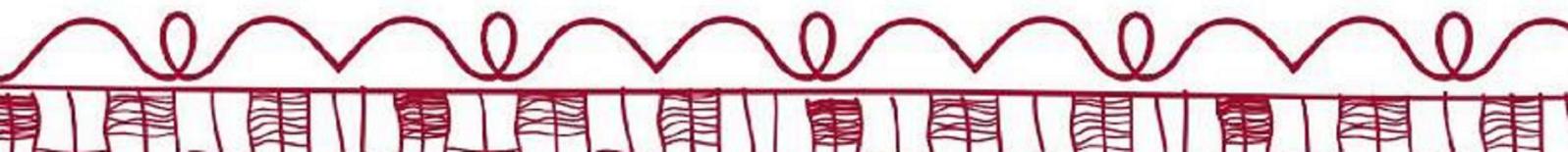
**Palavras-chave:** Ciro dos Anjos, estratégias literárias, carnaval

O carnaval tem sido utilizado como tema em diversas obras literárias brasileiras, e estudada sob diversos prismas. Desde os gregos, passando por estudos de Mikhail Bakhtin e Jesús Martin-Barbero o carnaval tem atraído inúmeros estudiosos. Pesquisas como as de Luis Carlos Prestes Filho, que trabalha com a economia do Carnaval, e de Roberto DaMatta, com sua conhecida obra *Carnaval Malandros e heróis*, no campo da antropologia, cada vez mais apontam para a importância de se aprofundar estudos sobre a abrangência da temática do carnaval na cultura brasileira. Importantes iniciativas também têm sido percebidas no campo da memória do carnaval.

O presente artigo é parte integrante de uma linha de pesquisa de maior amplitude, que visa a estudar as diversas nuances do carnaval na Literatura Brasileira.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ. Professor da Graduação e do Mestrado em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO. E-mail: idfrazao@uol.com.br



Intenta-se apresentar aqui uma reflexão acerca da forma estratégica como o carnaval é vivido pelo personagem Belmiro Borba, protagonista do romance *O amanuense Belmiro*, publicado na década de 1930, inserido no chamado segundo ciclo modernista. Sem pôr em discussão as causas do que na Tese de Doutorado *Burocracia como imaginação, três momentos da literatura e suas fronteiras* (FELIX. 1999), denominou-se pensamento burocrático, ou mesmo a forte relação da burocracia com a ãera getulistaõ, pretende-se apresentar aqui, a partir das atitudes de Belmiro Borba, como o carnaval é vivenciado fora dos parâmetros esperáveis da inversão carnavalesca. A música e o carnaval, não propriamente relacionados com o samba, com a marcha ou com qualquer gênero musical específico são temas trabalhados por Ciro dos Anjos como ponto de partida para reflexões sobre a relação complexa do conhecimento com a vida cotidiana.

Pouco conhecido do grande público, Ciro dos Anjos, autor dos romances, *O amanuense Belmiro*, *Abdias e Montanha*, é respeitado pela Crítica e comparado, muitas vezes, a Machado de Assis. ã Falou-se muito em Machado de Assis, a propósito de Ciro dos Anjos, insistindo-se sobre o que há de semelhante no estilo e no humorismo de ambosõ. (CÂNDIDO. 1992. p. 82) O amigo Carlos Drummond de Andrade foi seu grande incentivador, no campo das Letras. Antônio Cândido, no artigo “Estratégia” publicado em *Brigada Ligeira*, afirmava ser o autor mineiro um estrategista, inserido no rol dos escritores que confiam õmenos na força impulsiva do talento que no domínio vagaroso, mas seguro, dos recursos de sua arte - condição primeira para a plena expressão do seu pensamento e da sua sensibilidade.õ (CÂNDIDO. 1992. P.79)

*O amanuense Belmiro* não possui propriamente um enredo. O romance é construído a partir da escritura de um diário por parte do narrador-protagonista. As reflexões da personagem percorrem toda a obra e apresentam características peculiares que podem causar estranhamentos para o leitor contemporâneo, como o fato de o narrador criar, em sua imaginação, a própria amada e de não ter contato efetivo com a mesma. A personagem mais conhecida de Cervantes pode ser usada como pólo comparativo para que se tente aceitar como possível (mesmo em termos ficcionais) certas passagens do texto, como as relativas aos relacionamentos íntimos de Belmiro.

---

<sup>2</sup> A temática do carnaval na literatura tem sido trabalhada por mim no Mestrado em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO.

As atitudes burocráticas do protagonista não se modificam, mesmo quando esse amanuense (funcionário público) se encontra em pleno contato com os foliões, no carnaval. O capítulo fundamental do romance *O Amanuense Belmiro* é exatamente aquele que tem o carnaval como temática e permite a demonstração da incapacidade encontrada no protagonista de ceder à atração da massa pela melodia e pelos ritmos carnavalescos.

Não sei como, envolvido em que grupo, entrei no salão de um clube, acompanhando a massa na sua liturgia pagã. Lembra-me que homens e mulheres, a um fundo, mãos postas nos quadris do que ia à frente, dançavam encadeados e entoavam os coros que descem dos morros. Toadas tristes que vêm da carne. (ANJOS, 1966. p. 19-20)

A presença da temática da música em *O amanuense* é envolvida pelas teias de uma construção romanesca que prima pelo enfoque do conhecimento como mistério fundamental a ser desvendado pela humanidade. Por uma via de mão única o principal protagonista de *Ciro dos Anjos* traça uma trajetória ímpar. Mas sob a possível inverossimilhança das atitudes do personagem, exatamente pelo paroxismo desvendado nas entrelinhas da ficção, pode-se observar a força do recrudescimento de seu comportamento anômalo (burocrático, no caso).

### **O conhecimento e as hierarquias: a marcha militar e a carnavalesca**

O 'problema fáustico', muitas vezes focado no romance pelo narrador, é o eixo temático que perpassa *O amanuense Belmiro*, referente à complexidade das relações humanas com o conhecimento. Como afirma Antônio Cândido, o núcleo significativo dessa obra romanesca de *Ciro dos Anjos* se encontra em uma das páginas do diário do personagem Silvano ã indiscretamente lida por Belmiro: 'problema: - O eterno, o fáustico. ó O amor (vida) estrangulado pelo conhecimentoø. (CÂNDIDO. 1992. p. 84) O clima de mistério se forma sob um controle extremo do pensamento por parte do narrador. A vida efetiva do protagonista se mostra opaca. O itinerário cotidiano e as atitudes do personagem, contidas em seu diário, deixam que se perceba a

presença de uma maneira burocrática de pensar e viver. O próprio diário constrói o perfil burocrático do personagem.

As instâncias carnavalescas presentes em *O amanuense Belmiro* apontam para o ápice de uma relação difícil do protagonista com o real, provocada por sua rigidez comportamental. O carnaval, enquanto tema, serve para que se reflita também sobre a estreita relação das atitudes do protagonista de *Ciro dos Anjos* com as engrenagens da burocracia.

Belmiro Borba busca o contato com a multidão, no carnaval, e só consegue ser novamente um burocrata desajeitado em pleno carnaval carioca. No meio do folguedo, os foliões, ao verem aquele homem vestido como se estivesse em pleno desempenho de suas funções burocráticas na repartição, de terno, gravata, óculos - comportando-se como se estivesse na Seção de Fomento Animal, onde trabalhava -, tomam suas roupas como uma fantasia de carnaval.

O desfile carnavalesco, de natureza polissêmica, faz da fantasia um de seus elementos fundamentais. É nela que se baseia o folião para incorporar durante o reinado de momo um determinado personagem, seja ele um marinheiro, um *cawboy*, uma colombina, ou qualquer outro tipo que se queira criar. A polissemia carnavalesca é, por si mesma, caracterizadora de uma liberdade criativa. Mas o escriturário Belmiro, mesmo tentando seguir o cordão carnavalesco, não consegue se desvencilhar do comportamento costumeiro. A polissemia possível do carnaval é trocada pela uniformização comportamental, avessa à atitude genuína de um carnavalesco. Própria de outra espécie de desfile, como o da parada militar (DaMATTA. 1983. p. 46), a uniformização se encaixa melhor na marcha dos soldados, que, por sua vez, tem como traje obrigatório o uniforme, a farda. O paletó e a gravata do burocrata passam a se aproximar desse vestuário próprio da hierarquia militar. E é exatamente tal hierarquização do cotidiano que irá definir as ações de Belmiro Borba.

O vestuário escolhido para cada tipo de desfile, tanto o carnavalesco quanto o militar, deve se adequar a cada tipo de evento. Os uniformes, que classificam os homens em termos hierárquicos, de acordo com cada patente, está exatamente no pólo oposto ao do vestuário carnavalesco. No carnaval, a roupagem apropriada é a fantasia, um termo que no português do Brasil tem duplo sentido, pois tanto se refere às ilusões e

idealizações da realidade quanto aos costumes usados somente no carnavalö (DaMATTA. 1983. p. 47).

Nem o terno de Belmiro Borba é efetivamente uma fantasia, nem o protagonista cede a idealizações de uma fantasia dos dias de Momo. Burocraticamente, como em uma marcha militar, Belmiro ´desfila`, alheio, entre os animados foliões, até o momento em que sofre um desmaio. O pensamento burocrático faz de Belmiro Borba um homem pouco atento às aspirações populares. Belmiro é um erudito que, entretanto, não chega a se notabilizar como um intelectual. Pode-se entendê-lo, por esse viés, como um híbrido que nem pertence à elite intelectual, nem está totalmente fora dela.

A padronização à qual esteve exposto o amanuense Belmiro o transforma em um ávido seguidor dos paradigmas sociais (e *intelectuais*) de sua época. O carnaval simultaneamente o atrai e incomoda (assusta); como as pernas da personagem Jandira, em algumas passagens do romance; como as conversas dos amigos no bar e, principalmente, como as palavras do papagaio Tomé, que o chama de excomungado. Sua opção, no caso da atração física, é criar uma mulher para amar à distância e, na convivência com a situação social da capital mineira, viver de acordo como entende ser o esperado pela sociedade (e não ser um excomungado). Torna-se assim um homem comum aos olhos de todos os seus contemporâneos e esse é o seu maior interesse.

Belmiro vive (para lembrar um tema de estudo importante de Roberto DaMatta) um carnaval legal. (DaMATTA, 1986, p. 74-79) O termo ´legal`, é utilizado geralmente para expressar o que é bom, agradável. Por esta visão, o que é bom é legal. Como a palavra *legal* advém do vocabulário jurídico, viver um carnaval legal pode significar também que o pseudofolião, ao invés de abrir-se à polissemia carnavalesca, optou por viver, mesmo no meio da multidão, dentro das leis e dos õbons costumesö. O carnaval do amanuense Belmiro é legal exatamente porque segue as leis do comportamento cotidiano sem conseguir flexibilizar as molduras (*frames*), para lembrar um termo utilizado por Irwing Gofman (GOFFMAN, 1985), inerentes ao convívio. Segundo esse autor, os seres humanos, em suas relações cotidianas adaptam-se aos papéis sociais. Um mesmo homem desempenha õpersonasö diferentes. É, por exemplo, pai, em determinado momento; em outro, é filho, médico, síndico. Enfim, para cada papel, esse ator social precisa adaptar-se, incorporar-se à moldura imposta por esses mesmos papéis. Não é o que ocorre com o mineiro funcionário público, Belmiro Borba.

## Paroxismo

Na subversão carnavalesca, a burocracia representada pelo funcionário público que caminha sem contaminar-se com a folia, torna-se risível aos olhos dos foliões. O protagonista ao ser levado pela multidão alegre e festeira perde os sentidos. Ao recobrá-los, está envolvido pelos foliões. Talvez se possa dizer que a subversão carnavalesca e a música popular provocam distúrbios no comportamento burocrático de Belmiro, pois desmontam a hierarquia comportamental a ele inerente. O carnaval é aquele tempo em que a linguagem da praça alcança o paroxismo, ou seja, sua plenitude, a afirmação do corpo do povo, do corpo-povo e seu *humor*. (MARTIM-BARBERO. 1997. p. 95)

A própria noção de povo, na visão do amanuense, se conecta à de multidão. Como afirma o personagem:

Os dias de festa coletiva, introduzindo o elemento multidão na minha esfera e propondo-me novos espetáculos ou novas sugestões, interrompem o equilíbrio do meu pequeno mundo e nele vem produzir desnivelamentos que suscitam mais fundos movimentos interiores. (ANJOS, 1966. P. 17)

Embora não consiga se incorporar ao grupo de foliões que o cerca, a tentativa do burocrata lhe provoca 'desnivelamentos'. O controle inerente à burocracia de pensamento de Belmiro Borba, em contato com o elemento multidão, é abalado. O desmaio sofrido pelo personagem revela a força do choque provocado nas veias hierárquicas e opacas do cotidiano do amanuense. O paroxismo alcançado pelo corpo do povo, citado por Martin-Barbero em relação ao carnaval, recebe, no momento mesmo do contato do personagem com a alteridade, uma camada de reflexão que, após o choque, o faz retornar à opacidade costumeira. Tal reflexão intenta funcionar como uma espécie de impermeabilizante, pois, no meio da multidão, o funcionário público enverga, como um Quixote, sua *armadura* de burocrata, e esta se mostra inflexível. O terno de Belmiro Borba, os óculos de sempre, os sapatos do dia-a-dia, destoam da descontração carnavalesca. Mas, por isso mesmo, a ousadia de não inverter os papéis no seio dos folguedos atrai o riso e a atenção dos foliões.

A máscara, (...) dispositivo do cômico e do carnaval, exprime (...) a negação da identidade como univocidade. A máscara está na mesma linha de operação que os sobrenomes e apelidos: ocultação, violação, ridicularização da identidade, e ao mesmo tempo realiza o movimento das metamorfoses e as reencarnações, que são movimentos da vida. Mas a máscara joga também sobre um outro registro de sentido, é estratégia de encobrimento e dissimulação, de engano da autoridade e inversão das hierarquias. (MARTIM-BARBERO. 1997. p. 95-96)

Além de iluminar a noção de máscara relativa à pseudofantasia de Belmiro Borba (motivo de certo interesse por parte dos foliões que entraram em contato com aquele funcionário público que, por sua vez, entrou no cordão carnavalesco como se entrasse em uma Repartição), a citação de Martin-Barbero, aponta para uma questão importante contida no romance *O amanuense Belmiro*: a relação da identidade Belmiriana com o seu comportamento burocrático. Mas tal relação se dá na linha oposta ao que, segundo Barbero, deveria ocorrer, pois não há metamorfoses. No choque com a possibilidade de inversão, de saída da opacidade, o protagonista desmaia (perde os sentidos). A ocultação e a violação quebrariam a espinha dorsal da 'tese' do narrador-Belmiro, centrada na impossibilidade de efetivamente viver o cotidiano como o mesmo se apresenta. Assim, ele projeta o personagem Belmiro no meio do cordão carnavalesco e demonstra o quanto a censura interna o leva a não se misturar efetivamente com as pessoas comuns (pois isto talvez tirasse o sentido da construção reflexiva do texto). Mas ainda há um dado fundamental a reiterar: a ocultação, no caso de Belmiro Borba é ainda mais complexa, pois é exatamente por não usar a máscara, a fantasia habitual do carnaval, que há a ocultação da identidade. O personagem do ensaio que subjaz à reflexão do narrador-protagonista, Belmiro Borba já é, em si mesmo, se não uma máscara, uma ficção constituída a partir da rigidez que embasa a imaginação burocrática no romance de *Ciro dos Anjos*.

O termo multidão se instaura no centro das discussões sobre a massificação. Néstor Garcia Canclini, ao tratar da trajetória do pensamento de Martin Barbero, no prefácio do livro aqui citado, afirma que a cultura contemporânea não pode desenvolver-se sem os públicos massivos, nem a noção de povo - que nasce como parte da massificação social. (CANCLINI. 1997. p 15-19) O choque entre o individualismo e

a massificação provocado pela reflexão de Belmiro Borba, no contato com a massa revelam o quanto a noção de povo, contida no termo multidão perpassa o cotidiano simultaneamente como elemento de identidade e de alteridade. Identidade, pela percepção da existência de pontos interseccionais relativos à conduta diária e, ao mesmo tempo, da enorme diferença de comportamento promovido pela própria identidade do personagem, que é, em si mesma, diferente por querer, a todo custo ser semelhante. A alteridade, por esse prisma, em *O amanuense*, não é a outra face da identidade, e sim o reflexo da própria identidade no outro. O outro, assim, torna-se o mesmo, pois serve apenas como anteparo, espelho que devolve a imagem ao eu. Belmiro Borba, ao não flexionar as molduras (frames, de acordo com Goffman), no uso das máscaras cotidianas (mesmo no carnaval), ofusca seus próprios reflexos. Ou seja, sua imagem dificulta a visibilidade por parte do outro de sua face autêntica (se é que esta poderá ser realmente encontrada em *O amanuense*). Na visão do outro, a identidade belmiriana torna-se opaca, impermeável ao contato, é reflexão encarnada em si mesma, pois a imagem original se perde em meio à imposição de outro rosto (*o esperável*).

A cultura popular, onde o carnaval está inserido, poderia aparentar ser, para o burocrata, um campo neutro, mas em realidade lhe é antagônico. O ritmo, característica fundamental da música popular, é posto de lado nas reflexões do amanuense Belmiro Borba. A melodia (a sucessão de sons que encerram sentido da composição musical) é reiteradas vezes citada no romance, mas o ritmo (a marcação do tempo com acentos fortes e fracos em intervalos regulares, o que dá movimento à composição) é sutilmente excluído, como se pode observar em uma das passagens mais significantes do romance:

imagino a figura que fiz, de colarinho alto e 'pince-nez' no meio daquela roda alegre, pois os foliões se engraçaram comigo, e fui, por momentos, o atrativo do cordão. Tanto fizeram que, sem perceber o disparate, me pus a entoar a velha canção de Vila Caraíbas. (ANJOS. 1966 p. 19)

Principalmente no carnaval, o ritmo alegre dos festejos, no romance mais conhecido de *Ciro dos Anjos*, cede ao som monocórdico da melodia gravada na memória do protagonista, advinda de sua terra natal, a Vila Caraíbas. Essa peculiar maneira de se relacionar com o cotidiano faz de Belmiro Borba uma personagem ímpar. Nem mesmo o carnaval com sua abertura para a liberdade o liberta de sua camisa de força intelectual.

Concluindo as reflexões sobre a presença da temática do carnaval em *O amanuense Belmiro*, afirma-se que o mesmo é utilizado como estratégia para problematizar a opacidade em que vive o protagonista, ao mesmo tempo em que revela a outra face dessa mesma questão: a imaginação também pode se caracterizar como espaço de vida. Trata-se de uma vida que, em si mesma, só se efetiva enquanto tal nas instâncias da virtualidade própria da natureza da literatura.

O carnaval, como se tentou demonstrar acima, foi utilizado como estratégia para reiterar que o protagonista estava tão imerso nas instâncias do conhecimento que, em realidade se auto-criava, em seu diário, no momento mesmo em que afirmava refletir sobre sua vida cotidiana.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANJOS, Ciro dos. **O amanuense Belmiro**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1966.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. Trad. Aurora F. Bernardini e outros. São Paulo. UNESP-UCITEC-EdUNB, 1993.

CANCINI, Néstor Garcia. Prefácio. In: MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações** ó Comunicação Cultura e Hegemonia. Ronald Polito e Sérgio Acides. Rio de Janeiro: Ed UFRJ. 1997.

CÂNDIDO, Antônio. Estratégia. In: \_\_\_\_\_. **Brigada Ligeira**. São Paulo: Ed. UNESP.1992.

DaMATTA, Roberto. **Carnaval, malandros e heróis**. Rio de Janeiro. Zahar, 1983.

\_\_\_\_\_. Um carnaval legal. In: \_\_\_\_\_. **Explorações; ensaios de Sociologia Interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FÉLIX, Idemburgo P. Frazão. **Burocracia como imaginação: Três momentos da Literatura Brasileira e suas fronteiras**. Rio de Janeiro, UFRJ, Programa de Ciência da Literatura, 1999, 364 fl. Tese de Doutorado em Literatura Comparada

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações** ó Comunicação Cultural e Hegemonia. Ronald Polito e Sérgio Acides. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ 1997.